

RELATO DE ENSINO DE MÚSICA REMOTO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19

CAMILA BARBOZA CASTRO¹; ISABEL BONAT HIRSCH²

¹Universidade Federal de Pelotas – castrobcamila@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabel.hirsch@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar a minha experiência docente na disciplina de Orientação Prática-Pedagógica Musical II (OPPM II) do curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ministrada pela professora Isabel Bonat Hirsch. No desenvolver deste descrevo o planejamento, a execução e o resultado esperado e obtido na disciplina. A OPPM II objetiva possibilitar os acadêmicos do curso a vivência docente em contexto de ensino não formal com crianças de idade entre 9 e 11 anos.

A disciplina é vinculada ao projeto de extensão do curso de licenciatura em música intitulado “Fazendo um Som”, que tem atuado junto da Orquestra do Areal e da Orquestra Municipal de Pelotas. Assim, planejei e ofereci o curso “Musicalizando Geral” para as Orquestras, tendo inscrições para as crianças da faixa etária, com número máximo de 10 a 15 inscritos.

A temática do curso baseia-se no desenvolvimento da percussão corporal e musicalização básica, dada minha concepção de musicalização, entendendo que é a base para qualquer tipo de prática musical. Nesse sentido trouxe também a corporeidade, o movimento e o ritmo integrados a musicalização, por entender que não é apenas o instrumento, nossa voz, nossas mãos ou nossos dedos que produzem música, mas que nosso corpo todo é criador e fonte de musicalidade. Essa minha concepção de ensino e musicalização vem sido construída ao longo de toda graduação, tendo influências em estudos das abordagens de educação musical Orff-Schulwerk e Dalcroze que podem ser atentadas em MATEIRO e ILARI (2011). Para definir os conteúdos das aulas para essa faixa etária me baseei na BNCC (2018) e no DOM (2020) que determinam diretrizes de ensino nacionais e da cidade de Pelotas para o ensino básico.

Assim, trabalhar a musicalização era uma possibilidade, tendo a importância que tem, de facilitar e contribuir muito musicalmente para os alunos que já tocam ou estão se preparando para tocar na orquestra. Aliando-se a essa ideia, o curso teve por objetivo a compreensão dos parâmetros do som, exercitar a criatividade e desenvolver a musicalidade geral com ênfase no ritmo, possibilitando uma maior consciência do de música e corpo ao aluno para potencializar seu desempenho e aprendizado na prática da orquestra.

2. METODOLOGIA

As aulas do curso Musicalizando Geral aconteceram remotamente de forma síncrona através da plataforma *meet* do Google. Ocorreram nas sextas feiras às 10:00h, totalizando 10 encontros no período de 16 de abril a 18 de junho.

Foram 5 alunos que participaram das aulas, sendo que um ingressou no curso na 4ª aula. As aulas foram planejadas individualmente, semana a semana após cada aula realizada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Eu não tinha nenhuma outra informação quanto as inscrições a não ser a quantidade de inscritos. Então fiz um formulário simples para saber um pouco sobre o mundo musical deles e otimizar tempo de aula, já que seriam apenas 10 encontros. Nesse questionário tinham perguntas como se gostavam de música, porque se inscreveram no curso, se ouviam música em casa e qual tipo de música ouviam. Todos gostavam de música e se inscreveram por isso, ouviam música em casa e cada um ouvia um gênero diferente. Logo, planejei uma primeira aula bem básica, trazendo altura como o primeiro conteúdo, pensando num público iniciante que não conhecesse nada de teoria musical.

Apesar do primeiro conteúdo simples a aula foi divertida e eles se envolveram na atividade, demonstrando grande facilidade em identificar sons agudos e graves. Para minha surpresa dois dos 4 alunos previamente inscritos já estudavam a dois anos na orquestra! Sabiam ler partitura e tocavam violino e flauta. Já os outros dois, estavam aprendendo a pouquíssimo tempo, ingressaram na orquestra cerca de 2 meses antes do início do curso. Isso já me deu outra perspectiva sobre quais conteúdos eu traria a seguir. Cheguei a pensar em trabalhar a musicalização e incluir um pouco de rítmica básica na partitura, mas percebi que não seria proveitoso pois pra uns seria muito simples ou para os outros seria muito complexo a questão da escrita musical tradicional. Então fixei mesmo a ideia de corpo e vivência musical pela percussão corporal e para a segunda aula trouxe pulsação como conteúdo principal.

Na segunda aula, empolgada como cada aluno estudava um instrumento diferente (violino, flauta, bateria e violão), perguntei se teriam interesse em gravar uma música juntos e eles quiseram, ficaram bem animados com a possibilidade. Trabalhando o tema, trouxe um repertório variado de funk, rock, clássica, sertanejo e outros para entender e exercitar a pulsação. Alguns artistas do repertório foram escolhidos por fazerem parte de um repertório que eles já conheciam e colocaram no formulário. Nesse momento aconteceu algo que veio de certa forma mudar o rumo do curso todo. Após fazermos a pulsação da música, eu perguntava o gênero e se conheciam a música, então perguntaram: “professora, qual a diferença de samba e pagode?” Falei que não havia tempo nem preparação para explicar de uma maneira suficiente para eles, mas poderia trazer a resposta nas aulas seguintes e todos demonstraram interesse no assunto. Assim, decidi fazer a aula seguinte sobre isso.

O tópico foi tão envolvente para todos que o restante do curso foi levado pelo samba, trabalhamos o samba em todas as aulas restantes. O samba virou o tema de todo curso pensado, a musicalização, a rítmica, a percussão corporal, tudo aconteceu com e através do samba.

É curioso pois o samba é algo tão nosso, tão brasileiro e cultural, mas as crianças parecem não ter oportunidades para os conhecimentos musicais, históricos e culturais dele, tão pouco para a escuta do gênero. A maioria do repertório foi novidade para eles, mesmo os considerados clássicos. Outros eram até conhecidos pelos alunos, mas eles não tinham ideia de que fazia parte do estilo e tão pouco tinham ouvido com atenção. A apreciação e percepção musical foi algo extremamente trabalhado e proveitoso ao longo do curso. Ao final, os alunos e pais se manifestaram de forma extremamente positiva em relação a ampliação de repertório realizada no curso.

Assim, estudamos as diferenças entre samba e pagode, aprendemos e tocamos claves básicas do ritmo, pensamos a instrumentação de cada um e qual resultado sonoro eles trazem para o todo da música, analisamos as letras das músicas e seus contrapontos com o conteúdo musical entre outras tantas coisas que foram surgindo aula a aula e transformando o caminho do curso.

Encontrei desafios ao trabalhar nesse contexto remoto, como tem acontecido de forma generalizada com os professores durante a pandemia do Covid 19. Conseguir a atenção dos alunos, interagir e fazer com que interajam entre eles é realmente algo muito difícil. No contexto do curso, trabalhando musicalização e corpo foi ainda mais desafiador. Trabalhar ritmo e movimento através de uma câmera é muito complicado, os estudantes sejam crianças, adolescentes e mesmo os adultos estão vivendo em um tempo de sentar-se à frente de uma tela e fazer tudo por ali devido ao isolamento social: seus estudos individuais, brincadeiras, assistir aulas, interagir socialmente e seu lazer.

Portanto, fazer com que eles saíssem da cadeira (ou da cama) foi difícil em alguns momentos. Metade fazia com tranquilidade a proposição e a outra metade fazia as vezes, outras vezes ficavam sentados, mesmo quando no exercício eu solicitava que levantassem e isso fosse essencial para a vivência. Foi complicado, mas entendia que nesse contexto de desânimo para estar na frente de um computador para tudo não era possível exigir demais, pois é extremamente fácil eles fecharem a câmera ou simplesmente saírem da sala virtual e desistir da aula, do curso. Nessa questão complicada de ficar de pé nos exercícios, em especial o menino com TEA (Transtorno do Espectro Autista), realizou o exercício proposto no primeiro momento, mas na sequência e nas aulas seguintes, sempre fechava a câmera ou desfocava e ficava sentado. Eu questionava todos, em especial os que estavam sentados se estavam fazendo as coisas além de marcar o tempo no passo (como bater palmas no tempo x, contar em voz alta e etc) e eles afirmavam que sim, então isso teve de ser suficiente.

Outra dificuldade era na própria feitura desses exercícios rítmicos. É impossível tocar todos juntos pois não há sincronicidade. O *delay* existente de transmissão de som e imagem na plataforma para basicamente todas as pessoas presentes na sala virtual é algo que realmente impossibilita o tocar junto. Assim, eu não tinha como saber se estavam de fato me acompanhando, conseguindo tocar ou marcar o tempo certo, se estavam falando em voz alta, se atrasavam ou aceleravam. Isso impediu com que eu os corrigisse e soubesse com certeza se aprenderam pois ainda que eu os visse pela câmera com o som desligado, a imagem também apresenta *delay*. Sei que há os meios de gravações individuais com metrônomo e outros recursos para poder observar se entenderam os conceitos e se conseguem tocar em um tempo constante e exato, porém eles tinham muitas atividades escolares entre outras, o tempo de curso foi muito curto e as tarefas desse gênero que propus não foram devidamente realizadas. Além disso, a questão de tocar junto, a experiência do ouvir e a organicidade que traz a prática musical em conjunto é, de fato, impossível de forma remota. Contudo, na finalização do curso foi possível reconhecer alguns aprendizados adquiridos ao longo dos encontros.

Durante o curso fui pensando qual música poderíamos tocar, já que na segunda aula propus e isso foi combinado. Eu precisava cumprir com essa promessa. Foi difícil encontrar uma música do repertório que estávamos trabalhando (samba) que fosse simples, eles gostassem e fosse possível com os instrumentos e as aptidões que tínhamos. Procurando partituras passei por Aquarela do Brasil e outras. Nenhuma dessas era possível pela complexidade e para o tempo que tínhamos. Um dia um dos alunos me mostrou que tinha um berimbau e eu achei isso fantástico, ele estava aprendendo o instrumento, mas já tocava melhor do que o violão. Foi aí que pensei em Berimbau de Baden Powell e Vinicius de Moraes, mesmo sendo uma bossa nova, teria o ritmo de samba que trabalhamos para tocar com percussão corporal.

Então sugeri a música e eles aprovaram a ideia. Escrevi um arranjo na partitura com todas as partes e passei para eles estudarem durante a semana, então dediquei

algumas das últimas aulas foram exclusivas para trabalhar o ritmo da música e tirar suas dúvidas dos estudos. Mas muitos não tiveram tempo. não estudaram ou estudaram menos do que era preciso, então nas últimas aulas repetimos um pouco o estudo do ritmo da introdução e da síncopa do samba e discutimos sobre a forma da música que, com minha mediação, eles decidiram entre eles como seria a introdução.

Ainda assim, eles gravaram os vídeos e o resultado foi bem interessante. Nenhum deles tinha feito gravação com guia ou metrônomo antes e, para sua primeira vez, tivemos um resultado muito bom! Mandeí todas orientações de como gravar e inclusive gravações de mim mesma para exemplificar por whatsapp. Houveram problemas de imagem tremida, de ruído e de tempo no áudio e na execução, mas há de se considerar que a maioria fez a gravação com a ajuda das mães no tempo disponível delas, da forma que puderam. E, mesmo com esses problemas, foi através principalmente desses vídeos que pude perceber como aprenderam as coisas que mais exercitamos no curso. As claves do surdo e do chocalho, conseguiram fazer certo, ainda que apresentassem problemas com a repetição por muito tempo. Dificuldades que com certeza seriam resolvidas com mais tempo de curso e prática em conjunto presencial.

4. CONCLUSÕES

É imprescindível pensar a importância dessa disciplina no curso. Nos traz possibilidades de viver contextos educacionais que talvez nunca viveríamos e, ao mesmo tempo, contextos que podem ser nosso futuro como professores de música.

Muitas coisas que aconteceram e interações me pegaram de surpresa. Fui posta à prova como professora algumas vezes, as situações exigiram um posicionamento e eu me posicionei. Vejo como essa vivência da OPDM II na extensão universitária foi me possibilitando um amadurecimento docente impagável. Me deu confirmações de que ser professora é lidar com pessoas, com vida real, independente do contexto. Não são seres vazios para inserir conhecimento, são pessoas e pessoas ainda que crianças ou adolescentes que compartilham conhecimento. Estou educando musicalmente pessoas e essas pessoas tem sentimentos, tem fome, tem sede, tem vontade de aprender ou ausência, tem dificuldades, tem potencialidades e tem conhecimento próprio. Isso precisa ser considerado.

Considero o Musicalizando Geral um sucesso como também um momento muito importante na minha formação como educadora musical. Mesmo com todas dificuldades apresentadas, foi possível me conectar com os alunos, compartilhar conhecimento, ou seja, aprender e ensinar como também produzir um resultado musical bastante interessante e competente e, mais do que isso, um resultado que gerou sentimento de realização para os alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documento Orientador Municipal (DOM) – Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas. Prefeitura de Pelotas, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz Senoi. (Org.) **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpex, 2011.